

# Escritura feminina e mulher escrita: interfaces da formação autobiográfica docente

The feminine writings and the written woman: interfaces of autobiographical teaching formation

Tatyana Mabel Nobre Barbosa

Maria da Conceição Passeggi

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

## Resumo

Analisamos a interface entre a escritura feminina e a mulher escrita, situando essa relação no contexto da formação docente, a partir da pesquisa de diferentes tipos de narrativas autobiográficas: memoriais de formação e cartas. Essas narrativas foram recolhidas entre 1999 e 2003 em diferentes instituições educacionais, como Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy; Universidade Estadual e a Secretaria de Educação da Cultura e do Desporto do Rio Grande do Norte. A análise se situou na perspectiva do interacionismo sociodiscursivo, das histórias de vida em formação e da autobiografia feminina e revelou esses textos como instrumentos semióticos a partir dos quais a professora-autora re-define sua escritura e seus modos de ser mulher-professora.

Palavras-chave: Formação docente. Autobiografia feminina. Autoria de si.

## Abstract

The work analyzes the interface between the feminine writings and the written woman, placing this relation in the teaching formation context. The text corpus is composed of several kinds of autobiographical narratives: formation memorials and letters. These narratives were collected between 1999 and 2003 among different institutional contexts (Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy; Universidade Estadual e Secretaria de Educação da Cultura e do Desporto do Rio Grande do Norte). To get there, we adopted the following perspectives: socio-discursive interactionism, life history in the teaching formation process and the feminine writings. The narratives analyzed became semi optical tools, from which the professor-author redefines her own writings and ways of being woman-professor.

Keywords: Teaching formation. Feminine autobiography. Self authorship.



## Introdução

Eu inventei Ângela porque preciso me inventar.  
(LISPECTOR, 1999)

O interesse pela perspectiva autobiográfica tem sido crescente, por oferecer ao professor a oportunidade de selecionar e interpretar teoricamente seus fragmentos de vida profissional. Moita (2000) considera que a autobiografia evidencia os percursos de formação e transformação e, justamente por isso, buscamos, com a análise de autobiografias produzidas no contexto da formação docente, identificar as interfaces entre a escrita feminina e a reelaboração da mulher-professora<sup>1</sup>, auto-retratada a partir de suas representações acerca da docência.

Pineau (2003) considera que a prática das histórias de vida permite a reordenação pessoal do tempo, o estabelecimento de uma coerência específica dos acontecimentos e espaços que marcaram a profissionalização. Como instrumento de pesquisa e formação, possibilita a definição dos eixos de realização da própria história (DELORY-MOMBERGER, 2000), além da tomada de consciência desse percurso. (NÓVOA, 2000). Para Bueno (2002), a presença da perspectiva autobiográfica tem, na “subjetividade do professor”, seu ponto aglutinador, por evidenciar, principalmente para as mulheres, suas “experiências de ensino” e sua “vida profissional.”

Ao autobiografar, a mulher constrói sua “contra memória” que, segundo a autora, é campo de pesquisa do processo de feminização do magistério, das “experiências pessoais femininas” e de suas concepções sobre a prática docente. Esse fator deriva, segundo Branco (2004), da predileção feminina pela escrita memorialística, que visa a responder/questionar “quem sou eu?”. Nesse sentido, retomaremos essa dimensão na qual a história das mulheres se construiu para analisar o universo feminino (ALMEIDA, 1998) constitutivo do gênero autobiográfico e sua interface com a mulher-professora reelaborada na escrita.

Como perspectivas teóricas, adotamos o interacionismo sociodiscursivo (BRONCKART, 1999), “as histórias de vida em formação” (FERREIRA-ALVES; GONÇALVES, 2001; PINEAU, 2003; JOSSO, 1988, 2004; DOMINICÉ,

2000; FINGER, 1988; PASSEGGI, 2005) e a “escrita feminina” (BRANCO, 2004; BRANDÃO, 2004).

Consideramos, assim, as narrativas autobiográficas um instrumento semiótico a partir do qual as professoras-autoras reelaboram seus modos de pensar, de dizer e de representar-se, transformando, assim, seu modo de “ser” mulher-professora. E, nesse sentido, observamos como o seu “dizer” é revelador de um modo feminino de autodefinição.

O desenvolvimento da investigação adotou a pesquisa-ação (PEREIRA, 2002; KEMMIS; WILKINSON, 2002; ZEICHNER, 2002), caracterizada pela nossa participação institucional como professoras-formadoras/examinadoras das autobiografias constitutivas deste *corpus*. Nesse sentido, analisamos dezesseis “memoriais de formação” (PASSEGGI, 2005) e vinte e duas cartas<sup>2</sup>, todos produzidos institucionalmente durante a formação docente continuada de mulheres-professoras em três diferentes instituições educacionais: o Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy (IFESP-RN, 1999), cujos memoriais recolhidos foram escritos por concluintes do Curso Normal Superior; a Universidade Estadual do Rio Grande do Norte, cujos memoriais foram escritos por concluintes do Curso de Pedagogia, com Habilitação em Magistério dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, participantes do Programa Especial de Formação Profissional para a Educação Básica (UERN/ PROFORMAÇÃO, 2002); e a Secretaria Estadual de Educação da Cultura e do Desporto (SEECD-RN, 2003), cujas cartas foram escritas pelas professoras-alunas da Especialização “Linguagens e Educação”, realizada em parceria com a Universidade Potiguar (UnP).

Como a mulher-professora se desdobra em seu texto? Ele reflete um modo de dizer especificamente feminino? Quais características aproximam as autobiografias das mulheres, justificando sua institucionalização na formação docente? Essas questões nortearam nossa análise, permitindo-nos identificar que imagens de mulheres-professoras são (in) visíveis em sua escritura e em seus modos de se escrever.



## Rumores sobre autobiografias femininas

Para escrever preciso não perder de vista  
minha pouca capacidade [...].  
Sou o profeta de ontem.  
(LISPECTOR, 1999)

Por qual razão a escrita de textos autobiográficos é uma prática feminina que sobrevive há anos?... Como interpretar essa predileção feminina pela escrita de si?

As autobiografias têm sido predominantes por gerações de mulheres. No Brasil, um dos mais antigos diários de adolescente é o de Helena Morley – *Minha vida de menina*. Publicado inicialmente em 1942, o Diário de Helena contempla três anos consecutivos da sua vida: 1893, 1894, 1895. Alexandre Eulálio, ao prefaciar a obra, aponta características que poderiam ser atribuídas aos diários de adolescentes: a relação estreita entre ficção e documentário, o frescor dos relatos cotidianos, a mistura de inconformismo, humor e displicência.

Desse modo, a “escrita feminina” se desvia de um modelo linear. São espécies de rascunhos de si, em que cada página desvenda e guarda confidências. Para Bruner (1997), as autobiografias das mulheres foram marginalizadas pela adoção de um cânone absolutamente masculino de escrita autobiográfica. Podemos considerá-la uma escrita pitoresca que mais parece, como define Woolf (2004, p. 23), um “[...] caderno de esboços; como um artista que preenche suas páginas com partes e fragmentos, estudos de roupa-pagem [...].”

Esses textos femininos por serem espaços de realização de uma escrita privada, marginal, fragmentária, e revelarem o processo de costura de si cotidianamente, em que se realizam sonhos e se contam histórias, foram, muitas vezes, confinados em gavetas, esquecidos... “Qual importância teriam?” No entanto, a inserção recente das autobiografias no âmbito da formação exige a investigação da relação entre a mulher e a escrita, na tentativa de se “soprar a poeira das aléias” e de decifrar as palavras, “mergulhadas no silêncio, escondidas atrás da monotonia sombria das capas [...].” (BEAUVOIR, 2000, p. 55).

Uma relação muito específica com o tempo caracteriza as autobiografias femininas: a distância. Um dos mais antigos textos de Virginia Woolf, que apresenta a juventude da sua escrita em sete ensaios literários – *A casa de Carlyle e outros esboços* – data de 1909 e só recentemente foi descoberto, em meio a outros manuscritos, na casa de sua datilógrafa. As *Memórias de uma moça bem-comportada* de Simone de Beauvoir trazem o itinerário do pensamento feminista de uma escritora já madura, cuja imagem de intelectual já era consolidada em todo o mundo. Na visão de Cora Coralina – *Vintém de cobre: minhas confissões de Aninha e Poemas e becos de Goiás e estórias mais* –, os poemas e contos sempre trouxeram o cheiro dos seus doces e os ladrilhos de Goiás, mas também só foram escritos na idade adulta. Para Helena Morley (2004, p. 13), desde uma terça-feira, 31 de dezembro de 1895, “esses escritos, que enchem muitos cadernos e folhas avulsas, andaram anos e anos guardados, esquecidos.”

No caso de Virginia Woolf e Helena Morley, mesmo que seus textos tenham sido escritos na juventude, só foram publicados durante a maturidade, ou por opção, como *Minha vida de menina*, ou por acaso, como *A casa de Carlyle*.... E em Simone de Beauvoir e Cora Coralina, a escrita autobiográfica se distancia do calor dos fatos por serem memórias realizadas somente na maturidade. No entanto, em todas, passado e presente convivem, confundem-se e “brincam” com as lembranças e memórias:

Sabemos que memória nasce do esquecimento; é preciso esquecer para lembrar, e lembrar é também relembrar e recriar. Recriar a vida é reinventá-la, resgatá-la da dispersão e do caos em que os acontecimentos se amontoam desordenadamente. A escrita é, então, uma ordenação, uma reordenação em que os fatos ganham novas significações, eles se ressignificam [...]. (BRANDÃO, 2004, p. 79).

Assim, a escrita feminina é marcada pela dualidade entre lembrança e esquecimento, em que buscamos, enquanto sujeitos e enquanto mulheres, nos constituir “[...] pela palavra, pela força da letra [...].” (BRANDÃO, 2004, p. 79). Seja a autobiografia institucional, poética ou cotidiana, quando situadas no âmbito das autobiografias da formação, revelam as (im) possibilidades dessa escrita: de um lado, permitem a evidência de lacunas, elucidam as cisões e rupturas do fazer (profissional); de outro, viabilizam o encontro



de soluções e alternativas em face das vivências docentes. Assim, as autobiografias desencadeiam a crise e a reelaboração dos modos de ser (mulheres e profissionais).

A utilização das narrativas na formação distingue dois tipos de escrita autobiográfica: a intimista, em cujo universo se pulverizam os temas mais variados; e a institucional, em que os pontos a serem discutidos estão no entorno da formação, são específicos à história de vida profissional. No entanto, o caráter confessional da escrita autobiográfica, ainda que institucional, confere um tom colorido, uma flexibilidade relativa de temas e modos de evidenciá-los (DOMINICÉ, 2000). Em ambos, a escrita é uma espécie de tessitura de si, um espelho no qual se refletem e se refratam imagens (profissionais), sombras da infância, relances de gestos habituais e novos. E, nesse olhar muitas inquietações vêm à tona: quais os campos de interface entre as autobiografias institucionais e privadas? Quais as diferenças? Em que medida a escrita autobiográfica faz emergir significados encobertos nas rotinas profissionais de cada professora?

Responder essas perguntas é “decifrar” as palavras seladas nos envelopes das cartas ou guardadas sob a “capa” dos memoriais. Penetrar nesse universo feminino docente é enxergar através da fina bruma de segredos que paira em torno das palavras; um exercício complexo pelo envolvimento que a autobiografia feminina suscita entre a mulher e a vida profissional, entre o texto e a professora.

## Escritura feminina, rascunhos de si

Estou esculpindo Ângela com pedras das encostas, até formá-la em estátua. Aí sopro nela e ela se anima e me sobrepuja.  
(LISPECTOR, 1999)

Para Brandão (2004), as memórias são os tipos mais característicos de escrita da mulher, pois metaforizam a vida feminina de reclusão, página fechada, fragmentos, intimidade. Essa escrita pode parecer menor diante dos gêneros acadêmicos prestigiados, ou mesmo dos grandes romances. A institucionalização da autobiografia, ao mesmo tempo em que retomou um

gênero tão comum nas práticas cotidianas femininas, exige situar essa escrita no contexto acadêmico de formação docente.

Com isso, a relação entre as professoras-autoras e seus memoriais e cartas é permeada por representações muito específicas dessa escrita. Passeggi (2005), ao analisar os efeitos das representações da escrita de si mesmo, observou que, dentre outras representações, a escrita do memorial de formação é tomada como “concepção e parto.” Para a autora, “[...] a imagem é rica em desdobramentos interpretativos [...] [e] sugere [...] o calor corpóreo da gestação de *si mesmo* na escrita do memorial como ‘filho’ dessa reflexão.” (PASSEGGI, 2005, p. 8).

As representações de gênero são parte dessa relação que as professoras-autoras mantêm com seu texto. A lembrança de serem mulheres e mães, a imagem de dor, sacrifício e realização são elos entre a professora-autora e seu texto.

[...] [‘concepção’] Escrever este memorial, para mim, é resgatar parte fundamental do meu trajeto escolar [...]. Durante a escrita do memorial afloram sentimentos fortíssimos, emoções, angústias [...]. [‘partejamento’] [...] ficava preocupada, pois pensava que não iria concluir [...]. Escrever este memorial está sendo como um parto para mim, com suas dores; e ter um filho, com suas alegrias, pois é muito válido relembrar o passado da vida, como ela foi nas suas múltiplas passagens. (ANTONIA, 2003, p. 09).<sup>3</sup>

Essa escrita feminina flutua entre a objetividade e a tentativa de materializar os sentimentos referentes à própria escrita. Brandão (2004), ao analisar textos literários de mulheres e compreender a relação “mulher x escrita”, considera que o discurso feminino busca responder “quem sou eu?” e, nessa busca, descobre-se num “jogo de espelhos”, cujas imagens refletem sua multiplicidade.

Assim, as autobiografias, ao permitirem tornar o sujeito cognoscente, revalorizaram as narrativas como estratégias epistêmicas, em que as experiências vividas tornaram-se pontos de partida para a reflexão (ALARCÃO, 2003). Com isso, ao escrever, as professoras-autoras têm diante de si muitas faces da sua vida pessoal/profissional: a mãe, a esposa, a filha, a aluna, a professora... Todas essas faces se escondem e se alternam no rosto refletido no espelho. Metaforicamente, essa imagem nos lembra a rainha-bruxa-ma-



drasta dos contos de fadas. Mas, ao invés de “espelho, espelho meu... existe alguém no mundo mais bela do que eu?”, a professora indagaria: “texto, texto meu... diante de tantas, quem sou eu?”

Para Gonçalves e Ramos (2000), a escrita autobiográfica do professor permite o distanciamento das pressões da vida diária e o reconhecimento de questões que consideram fundamentais à prática educativa. Esse processo de reflexão inclui a identificação das representações presentes na sua formação docente e na sua prática pedagógica. A teia de imagens tecida em sua trajetória – de mãe, de esposa e de filha... – exige-lhe a articulação e reelaboração das representações que respondem pela professora em que cada uma se tornou.

Nesse sentido, nos memoriais e cartas analisados, autobiografar-se impõe o difícil exercício de “pensar-se” e, na fronteira entre a professora-autora, seu texto e a professora-personagem, há uma dupla transição: a elaboração da escrita, pela professora-autora; e a reelaboração da mulher-professora, pela professora-personagem. “A escrita da mulher e a mulher escrita” são, na verdade, duas faces de uma mesma moeda. Ao mesmo tempo em que cada mulher-professora se reelabora a partir da escrita, a escrita também ganha contornos gerados por esse universo feminino: a fissura, as rupturas, a intimidade e a história coletiva das mulheres na história de cada mulher-professora.

Essa predileção visa à utopia de captura de um sujeito, do retrato desse sujeito no texto. “Quem sou eu?” é uma pergunta respondida pela fresta (BRANDÃO, 2004). A escrita deixa “escapar” em cada evento, pessoa e tempo retomados nas cartas e memoriais não a “captura” dessas mulheres-professoras, mas a dinâmica das suas transformações docentes: “como me tornei o que sou? Como aconteceu para que eu pense o que penso? E como aprendi o que creio saber, saber-fazer, saber-ser, saber-pensar?” (JOSSO, 2004, p. 204).

Essas questões são orientadoras da escrita autobiográfica e retomam três dimensões básicas das mulheres-professoras, a partir das quais tornam necessárias, respectivamente, a reflexão acerca da trajetória de formação, da trajetória do seu pensamento (valores, crenças agregados e excluídos) e da trajetória da aprendizagem:





[...] 'como me tornei o que sou?' relato o início da minha história de vida, lembrando a minha formação estudantil desde as primeiras séries [...] ['como aconteceu para que eu pense o que penso?'] Foi a partir desse projeto que eu comecei a ouvir falar de uma nova proposta pedagógica chamada construtivismo [...] 'Como aprendi o que creio saber...?' Passei a fazer parte do grupo de alunos do [...] IFESP. Essa mudança representou um marco importante em minha vida profissional, porque veio consolidar o embasamento teórico que como educadora há muito estava almejando. (SANDRA, 2000, p. 7-17).

88 A autobiografia é o espaço de redefinição dessas trajetórias pessoais que repercutem na formação e na docência. Aliás, a reflexão acerca dessas trajetórias é uma das dimensões dessa formação docente. A prática das histórias de vida permite que as mulheres-professoras olhem sobre si e, a partir dessa perspectiva auto-reflexiva, emergem decepções e constatações de lacunas. É esse um dos desafios da escrita e da análise da autobiografia. "A mulher escrita e a escrita da mulher" têm lacunas pelo esquecimento e pelas supressões (propositais), que criarão uma diferença entre a "mulher escrita" e a mulher empírica. Mas é justamente esse "rostro grosseiramente reconstruído e tangencialmente tocado" que revela o modo como a professora-aluna se vê ao espelho e define a si (BRANDÃO, 2004). O modo como se representa, ainda que em defasagem com a realidade, é parte dela, é a parte que cada professora-autora "escolhe" ser, e é a parte que "sai" do espelho para ser, em parte, "real."

Isso evidencia um impasse, imposto pela escrita autobiográfica: a multiplicidade de EUs empíricos e a unidade típica da escrita; a objetividade acadêmica e a subjetividade biográfica; o indizível e a necessidade de nomeação, correspondendo a duas dimensões das autobiografias na formação docente:

[...] uma dimensão visível, institucionalmente exigida, que faz dessas narrativas um dispositivo de avaliação do narrador-candidato e uma segunda dimensão, aparentemente oculta e frequentemente negligenciada: [...] como espaço subjetivo de reflexão, aberto à autoformação, à socialização de saberes experienciais, à problematização das representações de si mesmo, do outro e do mundo acadêmico e profissional. (PASSEGGI, 2005, p. 2).



Como a autobiografia pode ser possível diante de tais paradoxos? Nesse sentido, Passeggi (2005), ao discutir acerca das faces do memorial acadêmico aponta duas dimensões, sendo uma privilegiada institucionalmente e outra negligenciada, problemática que situaremos nas demais autobiografias da formação por entender que traduz a relação mulher (privado) x escrita (público). Assim, a partir dos memoriais e cartas, a escrita ganha contornos femininos específicos do que essas mulheres-professoras dizem e silenciam, das escolhas que fazem sobre o modo como se representam enquanto agentes de contextos sociais específicos. A escrita autobiográfica aglutina duas faces de um mesmo processo: a “escrita da mulher” “[...] visível, institucionalmente exigida [...]” recompõe, retoca e redefine a “mulher escrita” “[...] oculta e frequentemente negligenciada: [...] como espaço subjetivo de reflexão [...]” que, em última instância, é uma parte daquela que escreve. De um lado, é sujeito; de outro, objeto, como podemos observar a partir da paráfrase de “Ressalva” de Cora Coralina (2003), escrita por Maria Clara em sua carta:

Esta carta foi escrita  
por uma professora  
que no auge da vida  
recria e poetiza a sua profissão  
Esta carta foi escrita por uma professora  
que fez a escalada da montanha  
transformando brotos  
desenvolvendo flores  
Esta carta  
Tristezas... não  
Angústias... não  
Um modo diferente de refletir a profissão.  
(MARIA CLARA, 2003).

A mulher-professora caracteriza sua atuação docente e elabora sua visão sobre a escrita. A autobiografia apresenta-se como possibilidade de reelaboração do sujeito e da profissão. Ao escrever e ser escrita, a mulher-professora inventaria sua trajetória docente, sua profissão e sua vida. A escrita autobiográfica é, desse modo, a possibilidade de refletir acerca da docência e fazer-se diante da profissão.

Assim, nesse “[...] modo diferente de refletir a profissão” entram em jogo pessoas, espaços e tempos, cuja presença é decisiva na “mulher es-

crita” que se elabora. Na sala de espelhos, cada um mostra uma das suas faces, deformam-nas, dão lhes novas formas, transformam-nas:

A história de vida na formação não é prioritariamente um instrumento do passado, nem mesmo do modo que o narrador representa sua vida. [...] É um objeto construído que tira sua realidade de sua própria existência. [...] e oferece em compensação, um quadro metodológico e experimental para pensar o modo que o sujeito se reconstrói como projeto. (DELORY-MOMBERGER, 2000, p. 271).

Assim, essa mulher-professora é a autobiografia que escreve, ao mesmo tempo em que (já) não é mais. Esses textos representam como se tornaram as professoras que são e o que querem ser. É passado, presente e futuro; velho, novo e inédito, tempos enlaçados, dando “[...] coerência de forma e de sentido ao interpretar os acontecimentos de sua existência.” (DELORY-MOMBERGER, 2000, p. 263).

## Memoriais, cartas e autoria feminina

Ao escrever não penso nem no leitor nem em mim: nessa hora sou – só de mim – as palavras propriamente ditas. (LISPECTOR, 1999)

Ao adotar a perspectiva do interacionismo sociodiscursivo em que a linguagem é mobilizadora da reelaboração das representações, seus agentes realizam as análises e interpretações da própria prática profissional. Desse modo, focalizamos as narrativas autobiográficas, por serem textos nos quais se reordenam teses, aglutinam-se visões e se elucidam temas a partir dos quais as professoras se reafirmam e se reconstituem num contexto específico:

[...] A narração propõe um mundo ficcional em que agentes, motivos etc. são colocados em cena, de modo que formem uma estrutura harmônica [...]; os acontecimentos e incidentes individuais pouco inteligíveis se organizam em uma estrutura configuracional [...] as narrações assim constituídas têm, definitivamente, o estatuto de *obras abertas*, com base nas quais os sujeitos constroem sua compreensão das ações humanas, ao



mesmo tempo que constroem uma compreensão de seu estatuto de agente. (BRONCKART, 1999, p. 135).

O texto autobiográfico é, nesses termos, a reinterpretação da vida, acrescentando-lhe novo colorido, tristezas e sucessos. O lápis suspenso e o papel em branco tentam responder: “por onde começar?”. E o que deveria servir como elemento facilitador da escrita – a autora ser também a personagem – parece tornar a tarefa cada vez mais morosa. Escrever sobre “si” é, desse modo, reinventar-se enquanto profissional. Uma malha de dimensões – cognitivas, discursivas e representacionais – entra em jogo quando as professoras-alunas colocam-se o desafio de compreender suas trajetórias profissionais, de reelaborar conceitos da vivência escolar, relatar sagas familiares, dando formas as suas representações como mulheres e professoras, a partir de enunciados constitutivos das suas autobiografias.

A escrita autobiográfica dos memoriais e cartas tem uma particularidade quanto à autoria: as professoras-autoras estão envolvidas, não são independentes da história que escrevem. O seu olhar sobre a realidade circunstanciada é, ao mesmo tempo, o de protagonista e de autora. Esse exercício duplo responde pela possibilidade de decantação e análise da sua trajetória profissional.

Com a escrita, as professoras-alunas participantes da pesquisa experienciaram uma formação docente específica, com a possibilidade de refletir criticamente acerca da sua história docente, de fazer emergir as auto-representações profissionais e de elaborar um projeto de autoformação e ensino. Ferreira-Alves e Gonçalves (2001) revelam a importância da educação narrativa do professor por possibilitar seu desenvolvimento e a resignificação da sua vida docente a partir da autoria biográfica:

Promover a autoria é procurar fazer de cada indivíduo um autor de sua história [...]. [o autor autobiográfico] é alguém que as olha como contextos decisivos que fizeram emergir em si, que desencadearam em si a sua capacidade de pensamento, de emoção e de acção. E é debaixo desta consciência que reside a autoria, isto é, a competência de escrever a sua vida, a sua história e de lhe dar uma significação retirada das oportunidades culturais e lingüísticas a que teve acesso. (FERREIRA-ALVES; GONÇALVES, 2001, p. 67).

O universo da intimidade docente encontra nas autobiografias institucionais a possibilidade de “existir” para além da dimensão individual da mulher-professora, ou do mundo “impenetrável” da sala de aula, ao qual só têm acesso os nomes presentes nos diários de sala. A escrita dos memoriais e cartas permite às professoras-alunas assumirem uma outra pele – a de professoras-autoras. Esse fator possibilita tornar “momentos de existência em momentos de conhecimento” (FERREIRA-ALVES; GONÇALVES, 2001). E isso é evidenciado a partir de rupturas com o dado, pelo estranhamento e recusas de práticas e saberes cotidianos, posição assumida com a escrita:

Contudo, minha carta não é só angústias e desabafos, porque agora estou conseguindo ver alguma coisa no fim do túnel, pois minha prática profissional está sendo revista e reformulada. Estou aprendendo uma nova forma de ensinar. Essa escrita está conduzindo-me a uma viagem para dentro de mim mesmo e isso cria em todas nós, professoras, a necessidade de estarmos sempre nos avaliando, refletindo sobre os nossos erros e acertos. (JOANA, 2003).

92

Nesse sentido, Moita Lopes (2002) aponta três características básicas das autobiografias, relevantes para se compreender o processo de escrita de si: o caráter excepcional dos fatos narrados, a dramaticidade e sua possibilidade avaliativa. Esses fatores tornam a relação da escrita com as professoras um momento de assunção reflexiva e crítica diante da vida profissional a ser narrada, conforme apresentamos a seguir: a autobiografia conta um evento excepcional: na seleção e apagamento de eventos pessoais e profissionais a serem escritos nos memoriais e cartas, as professoras-autoras têm a possibilidade de quebrar (ou não) os cânones culturais.

Lembro-me ainda do prazer que senti de exibir minha farda: saia azul marinho, blusa branca e tênis com meia, pela primeira vez. Para mim estava começando a busca de duas opções de escolarização: ser professora ou enfermeira. (MARIA PAULINO, 2003, p. 11).

Ou seja, o que é excepcional para elas, “ao situar os fatos no contexto histórico e cultural, interpretar a sua experiência pessoal e/ou coletiva e ao traçar rumos que possam contribuir para a reorganização da sua prática pedagógica” (CARRILHO; COSTA; DANTAS; MEDEIROS, 1997) pode (não)



corresponder às expectativas acadêmicas, escolares, familiares e sociais, nas quais suas representações de gênero acerca da profissão são reelaboradas. Acerca das possíveis escolhas profissionais de Maria Paulino (2003) – a docência ou a enfermagem – suas expectativas pessoais relacionam-se em que medida com “o contexto histórico cultural?” Como e por que a seleção de duas profissões historicamente femininas fez parte das escolhas da professora-aluna?

Tendo em vista a concepção de Laurentis (1994) do gênero enquanto construto sociohistórico, sendo produto e processo das relações estabelecidas pelos sujeitos, o caráter de excepcionalidade das autobiografias pode se diversificar de acordo com o modo como cada professora-autora (re) interpreta as relações de gênero em sua formação.

A autobiografia relata o drama da vida: e, nesse sentido, ao autobiografar, as mulheres-professoras biografam as demais personagens constitutivas dos eventos narrados:

[...] permaneci [na minha cidade] pelo fato de ser a única filha mulher, pois na cabeça do meu pai devia ser preparada para ser dona de casa e mãe [...]. De certa forma, sou vítima de pais preconceituosos, ele com atitudes machistas [...]; e ela [minha mãe] submissa aos seus caprichos, sem vontade própria. [...] Sou frustrada pelo fato de não ter continuado meus estudos quando jovem, por puro preconceito [...]. (VALDÍVIA, 2003, p. 10).

93

Nos memoriais e cartas, são presentes figuras femininas como as primeiras professoras, as mães, tias e demais familiares que fizeram parte de algum momento da sua trajetória profissional. Ao definirem qual a gênese da sua relação com a docência, biografam também essas personagens, que consideram essenciais nas relações de gênero que são constitutivas das suas práticas docentes.

Para Valdívia (2003), a profissão docente é a única opção em meio às contingências vivenciadas pelas mulheres em seu núcleo familiar. O fato de não lhe ser possível sair de casa para estudar, o destino esperado de casar e ter filhos são eventos nos quais em sua história se interpenetra a história do “pai-preconceituoso” e da “mãe-submissa.”

O “drama da vida”, no dizer de Moita Lopes (2002), é uma característica da autobiografia, que evidencia a presença fundamental de outras

personagens na redefinição pessoal da professora-autora, do modo como re-elaborou as representações de gênero determinantes na profissão docente.

A autobiografia permite a avaliação: para Moita Lopes (2002), essa é uma característica fundamental, tendo em vista que apresenta o modo como as autoras vêem sua realidade e a si:

[...] em suma, refletindo sobre minha prática em sala de aula, interagindo com o aluno, percebi que vou mudar. Percebo que o trabalho em sala de aula exige um planejamento mais cuidadoso, considerando as experiências dos alunos, as limitações de trabalho e a reflexão crítica constante. (CAROLINA, 2003).

A partir de Bruner (1997), as histórias que fizeram parte dos memoriais e cartas de cada professora-autora tornam-se compreensíveis diante do “pano de fundo da habitualidade, tomada como estado básico da vida.” E essa possibilidade de tornar os fragmentos das histórias compreensíveis, de dar-lhes/descobrir uma coerência enunciativa e empírica, decorre da possibilidade avaliativa das autobiografias.

94 Os memoriais e cartas permitem às professoras-alunas situarem sua biografia diante das demais pessoas e instâncias envolvidas na sua trajetória de formação profissional. Isso permite considerá-los práticas discursivas nas quais as professoras-autoras atuam no mundo “[...] à luz dos interlocutores e dos personagens das histórias.” (MOITA LOPES, 2003, p. 26). Para Ferreira-Alves e Gonçalves (2001), essa autoria biográfica viabiliza o desenvolvimento do professor na medida em que possibilita significar sua experiência e as atividades que desempenha, o que torna possível à mulher-professora definir e ser definida a partir da sua relação com a escrita.

Nesse sentido, os memoriais e cartas, ao permitirem às professoras-alunas a investigação de sua própria experiência, a elaboração de um projeto de formação voltado ao ensino, permitem inventariar o passado e projetar-se. A análise autobiográfica que realizam atribui novas cores e traços à escrita e a si (FERREIRA-ALVES; GONÇALVES, 2001):

É maravilhoso poder escrever um trabalho onde posso descrever toda a história de minha vida escolar, profissional e acadêmica. Não é fácil lembrar de fatos passados que até então estavam adormecidos na memória, porém é gratificante, pois ao lembrarme dos mesmos percebo o quanto foram e/ou são válidas todas



as minhas investidas [...] que me possibilitassem o aprimoramento do ato de ensinar. (MARIA DE FÁTIMA, 2003, p. 7).

Assim, nos memoriais e cartas, a “autoria de” significa a reinvenção do passado e o rompimento do ineditismo do futuro. E nesse processo é considerada a possibilidade de criação de novas histórias para as professoras, para a Educação e para a mulher.

## Conclusões

Eu não escrevo por querer não.  
Eu escrevo porque preciso.  
Senão o que fazer de mim?  
(LISPECTOR, 1999)

As autobiografias, ao permitirem um traço vivificante à formação, viabilizam a participação pessoal na análise do objeto da formação (PINEAU, 2003). Esse fator, contrário às formas acadêmicas de produção do conhecimento, responde, por uma nova teoria da formação na qual a contra memória, necessária à construção de uma história feminina, é valorizada. (BUENO, 2002).

Essa nova perspectiva, que inclui a subjetividade e, por isso, repercute, necessariamente, nos cânones científicos e pedagógicos, requer uma reflexão acerca de seus encaminhamentos metodológicos na formação. Embora o envolvimento das mulheres-professoras com suas trajetórias de formação inviabilize a análise distanciada, permite, justamente por esse envolvimento, que elas sejam parte inalienável desse processo. Com isso, a “anticientificidade” e “antipedagogicidade” se desfazem diante da interface mulher e escrita de si.

Nesse sentido, embora as autobiografias femininas sejam um instrumento de busca em contextos não formativos, como a memorialística de Beauvoir, Cora Coralina, Helena Morley etc., na formação docente, sua utilização deve ser direcionada para torná-las um instrumento de conhecimento. (PINEAU, 2003). Ou seja, a escrita autobiográfica na formação é uma possibilidade de criar sentido, de fazer e refazer a vida profissional, engendrada na dispersão da experiência pessoal de cada uma. Nesse sentido, os



memoriais e cartas não são meras comunicações ou explicitações da vida profissional, mas o espaço dessa produção:

Para mim está sendo muito prazeroso e, acima de tudo, muito gratificante escrever meu memorial [...]. Nele, relato a história da minha vida pessoal, estudantil e profissional, fazendo uma reconstrução, um resgate do meu processo de escolarização, da alfabetização até os dias atuais. (VALDÍVIA, 2003, p. 8).

Nas autobiografias analisadas, a escrita não é apenas o “relato” da sua vida “pessoal”, “estudantil” e “profissional”. É, antes de tudo, o instrumento que lhe permite “resgatar” e “reconstruir” o período que compreende a sua formação: da “escolarização” aos “dias de hoje”. Esse processo é definido como “auto-referenciação”, em que as professoras-alunas desdobram-se em sujeito e objeto, “um sujeito que fala das suas próprias partes [...]”. (PINEAU, 2003, p. 211). Esse processo é revelador da formação docente a partir das autobiografias, cuja característica central é o reconhecimento dos saberes subjetivos e não formalizados.

96

Para Delory-Momberger (2000), esses saberes, ao lado dos saberes formais e exteriores ao sujeito, típicos da formação acadêmica, têm um papel essencial na maneira como reorganizam suas aprendizagens e definem os novos produtos para sua formação. Por isso, as autobiografias institucionais da formação docente tornaram-se permeáveis à excepcionalidade, aos dramas e à avaliação (MOITA LOPES, 2002) típicas do universo (privado) feminino. Esse fator revela que as histórias de vida inserem o sujeito numa encruzilhada em que suas dimensões pessoais situam-se nos espaços institucionais nos quais as autobiografias são elaboradas. (NÓVOA, 2000).

Assim, consideramos que as autobiografias analisadas refletem a construção biográfica de cada professora-autora que, a partir da palavra escrita, volta-se sobre si mesma para recontar sua vida. As autobiografias por si não são suficientes para a formação. É necessário que se situem como dispositivos de formação, a partir dos quais as professoras-alunas podem ser autoras de sua história e se reapropriarem do sentido da sua vida profissional. (DELORY-MOMBERGER, 2000). A essa perspectiva, Ferreira-Alves e Gonçalves (2001) denominam de “educação narrativa”, que compreende a nova proposta de formação do professor.



Ao escreverem a sua trajetória de formação profissional, as mulheres-professoras vivenciaram um modelo de “desenvolvimento pessoal e de historiação das práticas educativas pessoais e organizacionais.” (FERREIRA-ALVES, GONÇALVES, 2001, p. 13). E, nesse sentido, as autobiografias nos permitiram evidenciar o reconhecimento, pelas professoras-autoras, dos processos mais específicos que respondem pelas suas escolhas e pelas suas representações acerca da escrita e de si.

As autobiografias são elementos da formação que viabilizam a pesquisa sobre as experiências vivenciadas por essas mulheres-professoras, uma vez que permitem a reconstrução da sua história e, por esse viés, restitui o seu espaço feminino na sociedade. É a partir da “voz” das professoras-alunas que é possível compreender como sua formação docente se (re)constrói a partir de suas práticas discursivas. (BRONCKART, 1999).

Os memoriais e cartas analisados trazem não somente a história de uma mulher-professora, mas como nela se pulverizam as várias dimensões da Educação, assinalando a relevância pedagógica da vida do professor (GOODSON, 2000). Sua vida se estilhaça em diversos tempos, pessoas e lugares: a infância, o amanhã; o aluno, a família; a escola e a casa. Dar coerência a essas dimensões espaço-humano-temporais evidencia o risco da escrita: “[...] Quem tentou, sabe. Perigo de mexer no que está oculto.” (LISPECTOR, 1999, p. 15).

Para as autoras dos textos analisados, o receio está em se equilibrar entre a “escritura” e “a escrita” – em revelar as imperfeições de sua face profissional. Por outro lado, esses relatos são relevantes porque, ao permitirem a reflexão sobre as histórias de vida da sua formação e sobre suas práticas docentes imediatas, permitem-nas existir (BUENO, CATANI, SOUSA, 2000). E, na crença de que “há um livro em cada um de nós [...]”, “escrever sobre si é salvar a própria vida.” (LISPECTOR, 1999, p. 96).

Desse modo, a institucionalização autobiográfica retira a palavra feminina do âmbito privado, revelando, com isso, a versão pessoal de si, permitindo à mulher-professora eleger as esferas a partir das quais autobiografa sua vida e o que nela há de docência. No entanto, essa mulher-professora-escrita é um sujeito cuja memória usa do fio de inatingibilidade em sua reconstrução, mas se “[...] o que escrevo está sem entrelinha [...] estou perdida [pois] [...] escrever é uma indagação.” (LISPECTOR, 1999, p. 16-96)

## Notas

- 1 Utilizamos as seguintes expressões como sinônimos para designar as professoras cujos memoriais e cartas analisamos: professora-aluna, professora-participante, professora-personagem, professora-autora, professora-narradora, mulher-professora, aluna, professora, professora-em-formação.
- 2 A recolha desses dados fazem parte de uma pesquisa mais ampla que vem sendo desenvolvida desde 1999, cujos desdobramentos resultam no Projeto em vigência: "Representações identitárias e autonomia profissional. Práticas reflexivas na formação docente." (PASSEGGI, 2003-2006). Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – Bolsa / Fundo de Apoio à Pesquisa Pppg UFRN. Nossa participação, em cada uma das instituições envolvidas na pesquisa, caracterizou-se das seguintes formas: observação participante, durante 01 ano letivo, nas sessões de orientação para escrita do memorial de formação (IFESP); avaliação dos memoriais, como membros das Bancas Examinadoras (UERN); e, como professoras, na orientação da escrita das cartas, desenvolvidas como textos avaliativos ao final de uma disciplina de Especialização (SEECD). As cartas foram escritas em grupo e endereçadas ao Educador Paulo Freire, como resposta ao seu texto – "De falar ao educando a falar a ele, com ele; de ouvir o educando a ser ouvido por ele" -, inserido no livro "Professora Sim, Tia Não – cartas a quem ousa ensinar." (1. ed. SP: Olho d'Água; 2001).
- 3 Embora a utilização das cartas e memoriais para a pesquisa resulte do consentimento das autoras, não utilizamos, para referenciá-las, seus sobrenomes, tendo em vista a preservação das faces dos sujeitos. Em casos em que há duplicidade de prenomes, a referência é dada por um pseudônimo.

## Referências

- ALARCÃO, Isabel. **Professores reflexivos em uma escola reflexiva**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2003.
- ALMEIDA, Jane Soares de. **Mulher e educação: a paixão pelo possível**. São Paulo: UNESP, 1998.
- ANTONIA. **Memorial**. Natal, 10 nov. 2003.
- BEAUVOIR, Simone de. **Memórias de uma moça bem-comportada**. Tradução Sérgio Milliet. 6. impressão. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.
- BRANCO, Lucia Castello. A escrita mulher. In: BRANCO, Lucia Castello; BRANDÃO, Ruth Silviano. (Org.). **A mulher escrita**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2004.
- BRANDÃO, Ruth Silviano. A mulher escrita. In: BRANCO, Lucia Castello; BRANDÃO, Ruth Silviano. (Org.). **A mulher escrita**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2004.
- BRONCKART, Jean-Paul. **Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio discursivo**. Tradução Anna Rachel Machado, Pericles Cunha. São Paulo: EDUC. 1999.



BRUNER, Jerome. **Ato de significação**. Tradução Sandra Costa. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

BUENO, Belmira Oliveira; CATANI, Denice Barbara; SOUSA, Cynthia Pereira. (Org.). **A vida e o ofício dos professores**: formação contínua, autobiografia e pesquisa em colaboração. 2. ed. São Paulo: Escrituras, 2000.

BUENO, Belmira Oliveira. O método autobiográfico e os estudos com histórias de vida de professores: a questão da subjetividade. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 11-30, jun. 2002. (versão eletrônica).

CAROLINA. **Memorial**. Natal, 10 nov. 2003.

CARRILHO, Maria de Fátima Pinheiro; COSTA, Tânia Maria Aires; DANTAS, Otília Maria Alves Nóbrega Alberto; MEDEIROS, Maria das Neves. **Diretrizes para a elaboração do memorial de formação**. Natal: Instituto de Formação de Professores, 1997. (mimeo).

CORALINA, Cora. **Vintém de cobre**: meias confissões de Aninha. 8. ed. São Paulo: Global, 2001.

CORALINA, Cora. **Poemas dos becos de Goiás e estórias mais**. 21. ed. São Paulo: Global, 2003.

DELORY-MOMBERGER, Christine. **Les histoires de vie**: de l'invention de soi au projet de formation. Paris: Anthropos, 2000.

DOMINICÉ, Pierre. L'Histoire de vie comme processus de formation. Paris: L'Harmattan, 2000.

FERREIRA-ALVES, José; GONÇALVES, Óscar Filipe Coelho Neves. **Educação narrativa do professor**. Coimbra: Quarteto, 2001.

FINGER, Matthias. As implicações do método biográfico. In: NÓVOA, António; FINGER, Mathias. (Org.). **O método (auto)biográfico e a formação**. Lisboa: Ministério da Saúde/ Departamento de Recursos Humanos, 1988.

GONÇALVES, Rosa Edite; RAMOS, Maria Antónia. As narrativas autobiográficas do professor como estratégia de desenvolvimento e a prática da supervisão. In: ALARCÃO, Isabel. (Org.). **Formação reflexiva de professores** – estratégias de supervisão. Porto: Porto Editora, 2000.

GOODSON, Ivor F. **Dar voz ao professor**: as histórias de vida dos professores e o seu desenvolvimento profissional. In: NÓVOA, António. (Org.). **Vidas de professores**. 2. ed. Porto: Porto Editora, 2000.

JOANA. [Correspondência] 9 de dezembro de 2003. Natal [para] Paulo Freire, Natal. Carta.

JOSSO, Marie Christine. Da formação do sujeito... Ao sujeito da formação. In: NÓVOA, António e FINGER, Mathias. (Org.). **O método (auto)biográfico e a formação**. Lisboa: Ministério da Saúde/Departamento de Recursos Humanos, 1988.

JOSSO, Marie Christine. **Experiências de vida e formação**. Tradução José Cláudio e Júlia Ferreira. São Paulo: Cortez, 2004.

KEMMIS, Stephen; WILKINSON, Mervyn. A pesquisa-ação participativa e o estudo da prática. In: ZEICHNER, Kenneth M.; PEREIRA, Júlio Emílio Diniz. (Org.). **A pesquisa na formação e no trabalho docente**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

LAURENTIS, Teresa de. A tecnologia do gênero. Tradução Suzana Funck. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de. (Org.). **Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LISPECTOR, Clarice. **Um sopro de vida** – pulsações. Rio de Janeiro: 1999.

MARIA CLARA. [Correspondência] 9 de dezembro de 2003. Natal [para] Paulo Freire, Natal. Carta.

MARIA DE FÁTIMA. **Memorial**. Natal, 10 nov. 2003.

MARIA PAULINO. **Prática docente e acadêmica: sonhos e conquistas**. Natal, 10 nov. 2003.

MOITA, Maria da Conceição. Percursos de formação e de transformação. In: NÓVOA, António. (Org.). **Vidas de professores**. 2 ed. Porto: Porto Editora, 2000.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da; BASTOS, Liliana Cabral. (Org.). **Identidades: recortes multi e interdisciplinares**. Campinas, São Paulo: Mercado das Letras, 2002.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Socioconstrucionismo: discurso e identidade social. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo da. (Org.). **Discursos e identidades: discurso como espaço de construção de gênero, sexualidade, raça, idade e profissão na escola e na família**. São Paulo: Mercado das Letras, 2003.

MORLEY, Helena. **Minha vida de menina**. 8. reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

NÓVOA, António, FINGER, Mathias. (Org.). **Método (auto) biográfico e a formação**. Lisboa: Ministério da Saúde/Departamento de Recursos Humanos, 1988.

NÓVOA, António. Os professores e as histórias da sua vida. In: NÓVOA, António. (Org.). **Vidas de professores**. 2 ed. Porto: Porto Editora, 2000.

PASSEGGI, Maria da Conceição. **As duas faces do memorial acadêmico**. (digitado).

PEREIRA, Júlio Emílio Diniz. A pesquisa dos educadores como estratégia para construção de modelos críticos de formação docente. In: ZEICHNER, Kenneth M.; PEREIRA, Júlio Emílio D. (Org.). **A pesquisa na formação e no trabalho docente**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.



PINEAU, Gaston; LE GRAND, Jean-Louis. **Les histoires de vie**. 2. ed. France: Presses Universitaires de France, 1996.

PINEAU, Gaston. **Temporalidades na formação**. Tradução Lucia Pereira de Souza. São Paulo: TRIOM, 2003.

SANDRA. **Buscando novos caminhos**. Natal, 13 nov. 2000.

VALDÍVIA. **A utilização didática da lista de freqüência**: uma marca na minha prática. Natal, 10 nov. 2003.

WOOLF, Virginia. **Um quarto que seja seu**. 3. ed. Lisboa: Vega, 1996.

WOOLF, Virginia. **A casa de Carlyle e outros esboços**. Organização David Bradshaw. Prefácio de Doris Lessing. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.

ZEICHNER, Kenneth M.; PEREIRA, Júlio Emílio Diniz. (Org.). **A pesquisa na formação e no trabalho docente**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

Tatyana Mabel Nobre Barbosa  
Profª Drª do Departamento e Programa de  
Pós-Graduação em Educação da UFRN  
Grupo de Pesquisa: Processos discursivos, mediação e  
Representações Sociais  
E-mail | tatyamabel@uol.com.br

Maria da Conceição Passeggi  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª do Departamento e Programa de  
Pós-Graduação em Educação da UFRN  
Grupo de Pesquisa: Processos discursivos, mediação e  
Representações Sociais  
E-mail | cpasseggi@digizap.com.br

Recebido 1 fev. 2006

Aceito 20 fev. 2006